

Luta pela sobrevivência à beira do esgoto

Médicos resolvem contar tudo e revelam a situação caótica da hospital infantil de Boa Vista. Na cozinha, uma fossa aberta

Ana Beatriz Magno
e José Varella
Enviados especiais

Boa Vista — Ao lado de uma enorme e fedorenta fossa de esgoto, nos fundos do Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré, um pequeno caixão não era velado por ninguém. Ficou ali das 10h da manhã até o meio-dia de ontem e guardava o corpo de uma menina sem nome, filha de outra menina, a estudante Francinilda Pereira, de apenas 15 anos. Ao contrário dos outros 32 bebês que entre os dias 1º e 22 de outubro morreram de infecção hospitalar no berçário da maternidade, o de Francinilda perdeu a vida por conta de “anóxia intra-útero” — um mal respiratório provocado no feto pela aspiração de mecônio (fezes do próprio bebê) durante o nascimento.

“Esse bebê não tinha como sobreviver. Já chegou ao hospital em sofrimento fetal”, explica Rosa Leal, neonatologista que cuidou da criança desde o início da tarde de sexta-feira até as 8h25 de ontem quando morreu.

A morte de mais esse bebê espalhou tristeza entre os funcionários do hospital, que já comemoravam o quarto dia consecutivo sem óbitos de recém-nascidos. Indignados, alguns médicos resolveram abrir o verbo. Mostraram que embaixo da janela do berçário há uma vala de esgoto aberto. Revelaram também que a fossa sanitária passa aberta dentro da cozinha. Explicaram que o telhado da maternidade está remendado com uma lona cheia de furos.

“Isso sem falar de que os equipamentos cirúrgicos estão inadquiridos, as tesouras não cortam, as agulhas não servem, falta luz no meio das cirurgias e o gerador vive quebrado. Está um caos, a maternidade deixou de ser prioridade”, desabafou Eugênia Glaucy, obstetra há dez anos na maternidade e ex-secretária de Saúde.

Oito horas antes do desabafo, Eugênia provocou o silêncio de todos na entrada do hospital ao gritar pelo telefone celular. “Opera sem roupa. Faz como da outra vez”, gritava, revoltada porque não havia uniformes para os médicos no centro cirúrgico. “Está faltando de tudo aqui dentro. Temos as batas cirúrgicas, mas não temos os uniformes para colocar por baixo. Ontem (sexta) à noite perdi a cabeça e sai gritando”, justificou-se a obstetra.

ESPERANÇA

Outro que cansou de ficar calado foi o médico obstetra Luiz Guilherme. “Há 15 dias estou sem dormir. Falta luz todo dia, ninguém agüenta pegar no sono sem ventilador. Aqui no hospital, como vou fazer minhas cirurgias se, no meio da operação, a luz acaba, o gerador falha e o ar condicionado queima. Os médicos estão muito insatisfeitos, mas pelo menos há esperança de que agora depois de toda essa tragédia as coisas mudem”, dizia o obstetra que das 7h às 10h da manhã atendeu a mais de dez pacientes.

A esperança de Guilherme não chegou aos corredores da pediatria, no prédio em frente ao berçário. Ali, pela grade mães gritavam com os fi-



Funcionários da Companhia de Águas e Esgotos tentam limpar a fossa, que estourou há meses, formando um lago fétido na área em volta do hospital

lhos no colo. “Este hospital está matando nossas crianças. Aqui, na pediatria os meninos são mais velhos, mas morrem do mesmo jeito. Todo mundo aqui está com pneumonia, tem barata por tudo quanto é canto”, dizia Rosa Silva com a filha Aline, 4 anos, nos braços. Foi de pneumonia que o menino Alan Sil-

va de 6 anos morreu no setor pediátrico anteontem à noite.

Se para os pacientes e funcionários a situação é de vergonha e pânico, para os técnicos do Ministério da Saúde e da Fundação Oswaldo Cruz — que há dois dias investigam a causa das mortes — o lema do momento é calma. “De fato

existe um surto de infecção, mas nem todas as mortes foram por infecção. Nosso estudo vai apontar medidas preventivas a serem tomadas. É essencial, por exemplo, a contratação de mais técnicos e de estabelecimento de normas para a circulação dentro do hospital. Há muita gente circulando lá dentro”,

explicou a pediatra Maricene Coutinho, do Ministério da Saúde. Até terça-feira, ela pretende entregar o laudo com todas as explicações sobre o problema.

Até lá, as equipes permanecerão no hospital coordenando testes para identificar o tipo de bactéria que provocou as mortes.